

CAPÍTULO I

ACHAVA-SE EM CONSERTOS desde alguns dias a casa do vigário, que se preparava para receber festivamente o sobrinho, nomeado ultimamente promotor da comarca.

Havia uns quinze anos que aquele edifício apresentava aos olhos dos habitantes da cidade de Ipuçaba o mesmo aspecto de abandono e ruína, fechando a vasta praça da matriz, com as suas paredes gretadas e sujas, com os seus muros verdes de lodo e eriçados de capins e de cardos.

Todos os vigários de Ipuçaba, desde sua elevação a freguesia, haviam residido naquele casarão, legado por uma velha devota e ricaça ao patrimônio da matriz, que tinha por padroeira Nossa Senhora dos Remédios.

O atual vigário, padre Balbino, substituíra ao padre Serrão, que pastoreara o rebanho ipuçabense durante treze anos e sete meses.

Como sacerdote, tinha este padre uma biografia apagada e mediocremente edificante. Despido de fervor evangélico desde sua ordenação, ele havia chegado, ao tempo em que foi nomeado para Ipuçaba, a uma sólida indiferença quanto à conduta religiosa dos seus paroquianos, aos quais administrava os sacramentos já um tanto maquinalmente, apenas preocupado com os proventos que embolsava.

Desde moço mostrara-se apegado ao dinheiro, pregando a caridade sem praticá-la. Com o correr dos anos, esse apego tornou-se-lhe cada vez mais dominante e, ultimamente, não estava muito longe da avareza.

Outra tendência sua, a paixão partidária, longo tempo refreada por certas conveniências, foi-lhe avassalando lentamente o espírito até que o dominou de todo.

Em Ipuçaba, encontrou o padre Serrão um homem em cuja companhia se resolveu a entrar afoitamente nas lutas dos partidos.

Esse homem era João Ferreira, chefe do Partido Conservador, cheio de ódio e de prestígio, porque era perverso e ricaço. Quanto ao mais, habilíssimo, voluntarioso e confiante em sua força. Ao redor de si ele criara um ambiente de terror que substituíra vantajosamente o respeito da população, de cuja tolerância vivia, tiranizando-a tranquilamente e pouco importando-se que o amassem, contanto que o temessem e o obedecessem.

Era João Ferreira um rapazinho imberbe e miserável quando chegara a Ipuçaba, vindo de um município longínquo sem que se soubesse quase nada do seu passado ou de sua família. Logo soube captar as boas graças do abastado major José Herculano, chefe liberal, um desses tipos de fidalgos sertanejos, cuja autoridade benéfica se estende a grande distância como a sombra protetora de uma grande árvore. Enfeitou-se o major Herculano por esse rapazinho esperto, jovial e corajoso, e proporcionou-lhe dinheiro e crédito para estabelecer-se com uma casa de comércio.

A assombrosa atividade desenvolvida por João Ferreira, o jogo ruidoso que ele fez com os pequenos recursos de que dispunha, as audaciosas tentativas realizadas para cercear a importância aos antigos comerciantes de grande crédito na Fortaleza e desde muitos anos assenhoreados de toda a vida mercantil do município, cujos habitantes lhes vendiam seus produtos agrícolas em troca dos artigos de que necessitavam, deram lugar a uma reação contra o desalmado intruso, que, assim, vinha ferir os interesses e perturbar os hábitos do velho comércio rotineiro, no seu simples funcionamento inalterável.

Além disto, o seu gênio intrigante tinha semeado fartamente a discórdia no campo fértil daquela pequena sociedade, já de si avezada às forjicações peculiares à gente sem ocupação nem entretenimento.

Algum tempo depois João Ferreira se declarava falido, sem apresentar bens de espécie alguma para garantir o débito. O major Herculano, como seu fiador perante a casa Bernard Frères, teve que pagar por ele alguns pares de contos; outras casas sem essa garantia mandaram a Ipuçaba representantes fazer a liquidação. E, julgada fraudulenta a falência, o João Ferreira foi parar na cadeia, onde passou cerca de um ano. Essa queda escandalosa não o acabou; no seu temperamento enérgico não havia espaço para a vergonha humilde e arrependida. Durante os meses de prisão, sua alma abeberou-se de ódio e de impudência para triunfar na vida pela força da crueldade e da audácia. Ele praticara em seu eu a mutilação da consciência, e adquirira por isso a indiferença feroz de um eunuco moral.

Por esse tempo alvoroçou toda a província uma questão de dinheiro falso, que se dizia largamente espalhado por um importante comerciante e chefe político da Capital. O João Ferreira fez então uma viagem a Fortaleza, e, com grande espanto de todos, de lá voltara com um farto carregamento de mercadorias e com a nomeação de delegado de polícia. Além disso, trouxera diversas cartas do barão de Itapava para alguns membros do Partido Conservador, verdadeiras credenciais, abonando-o como chefe desse partido na localidade.

O padre Serrão acabava de ser nomeado vigário de Ipuçaba e, ali chegando, ligou-se prontamente ao João Ferreira, pondo ao serviço das ambições deste a sua própria ambição sustentada pelo ascendente tradicional do padre sobre o povo.

E o major José Herculano, o antigo e respeitado chefe liberal, teve de enfrentar como adversário o indivíduo a quem levantara da miséria e que o roubara. Era desigual a luta com esse adversário perigoso, a cuja atividade diabólica o vigário imprimia a segura direção da sua manhosa habilidade, longo tempo educada à socapa num espírito de ambicioso contido à espera de uma boa ocasião para agir em campo aberto.

Tipo completo de mandão de aldeia, João Ferreira exercia a dominação pelo terror que espalhava em torno de si com ameaças, com perseguições e com calúnias, para as quais tinha uma fecunda imaginação. A dependência pecuniária era também um meio que usava para dominar, e esse empregava, naturalmente, com seus amigos.

Com a sua importância política, crescia-lhe paralelamente a fortuna de uma maneira surpreendente: construíra uma grande casa, a mais vistosa da cidade, aumentara as proporções do seu estabelecimento comercial, montara uma fábrica de descaroçar algodão e comprara várias fazendas de criação.

Ao seu lado prosperava fartamente o padre Serrão, em quem todos reconheciam o fator mental dos triunfos do poderoso chefe conservador. Os laços de interesses recíprocos os uniam de uma maneira tão íntima que davam a ilusão de uma verdadeira amizade. O partido timoneado por esses dois homens fortes e sagazes ganhou terreno, absorveu grande parte do outro e o vácuo começou a operar-se em torno do major Herculano, cuja austeridade o anulava perante adversários sem escrúpulos.

Sobre o passado de João Ferreira ia caindo um silêncio feito de tolerância e de medo: manchas de ricos são enfeites, dizia, a propósito, um moralista da terra. O criminoso de outrora já contava entre os seus íntimos alguns dos sujeitos que haviam cooperado para a sua condenação. E a sua fortuna crescia sempre, sempre, à medida que o major Herculano empobrecia progressivamente e sucumbia às fadigas da velhice.

Um ódio mortal nascera entre os dois homens, depois que João Ferreira estivera a ponto de levar à cadeia o seu antigo benfeitor por crime de *calúnias*, contidas num artigo de jornal. Fora o padre quem, à última hora, sustara o golpe que vitimaria o ancião.

Esta interferência conquistara para o mediador novos elementos de prestígio e, na primeira eleição para deputados provinciais, lhe foi designada uma cadeira na Assembléia, da qual foi eleito presidente. E estava ele a sonhar com uma cadeira na Câmara Geral, quando veio a República.

A política local sofreu então uma transformação completa: os chefes de ambos os partidos foram postos de lado para dar lugar a novas figuras designadas pelo Centro Republicano da Fortaleza.

João Ferreira ainda quis ajeitar as coisas para continuar o seu domínio; mas foi repellido e declarou que continuava monarquista, que não ombrearia com a “canalha republicana”, que esse “infame levante não havia de vingar em nosso generoso país”, isto em artigo que o padre o fizera assinar, embora julgasse para sempre perdida a sua cadeira na Câmara Geral. O major Herculano retirou-se de bom grado à sua fazenda, vendo o seu filho Francisco designado para chefe único da massa amorfa dos partidos em desagregação.

Pouco depois morria o padre, deixando toda a fortuna a seu sobrinho José Serrão, sujeito de natureza rebarbativa e pouco inteligente, de quem o tio nunca pudera “fazer gente”, segundo dizia.

Ao novo vigário faltavam de todo a vocação política e o espírito mercantil. Chegando a Ipuçaba, tratou de evitar relações com João Ferreira, cuja vida conhecia bastante, e aproximou-se naturalmente do Chico Herculano, empenhado com entusiasmo em amalgamar elementos para o novo partido filiado ao Centro Republicano.

A atitude do novo pároco valeu-lhe alguns desafetos, mas em pequeno número, porque João Ferreira estava “no mato sem cachorro”, na frase do seu ex-secretário particular, o escrivão Casimiro, muito lampeiro de se ver livre da trela que o prendia ao tiranete da terra. Este não tardou em romper formalmente com o vigário, começando logo a amofiná-lo com as mil picardias em que era useiro. Mas o padre, sob a sua simplicidade bonacheira, tinha a cabeça dura e o coração refratário às sugestões do medo.

Dentro de pouco tempo estava feita a popularidade do padre Balbino, principalmente entre os pequenos, já fatigados de deixar toda a sua pobre lã nas mãos do ganancioso pastor.

As duas rodas clássicas de palestra — a da farmácia do Mendonça (conservadora) e a de um subchefe liberal — sofreram desagregações parciais, e os elementos soltos foram reunir-se no campo mais ou menos neutro da calçada do novo vigário.

Essa roda se formava à tardinha, quando uma larga faixa de sombra se projetava na praça forrada do tapete de capim aparado baixinho pelos animais, a pastar por ali peados, tilintando monotonamente os chocalhos.

Com seu gorro de veludo preto, bordado a seda frouxa e a fio de ouro, vestindo um chambre de ramagens, sob o qual apareciam as severas calças pretas, vinha o vigário fumar o seu cigarro, sentado numa cadeira de picó forrada com um couro de raposa curtido em cabelo.

Sobre a calçada abria uma velha mungubeira a sua larga fronde verde-escura, estrelada de flores de ouro e púrpura, de um aroma infinitamente suave.

O primeiro a chegar era sempre o coletor, Asclepiades Oreste de Aconcágua Pinto, a quem ia mal este nome farto e exótico, contrastando com a vulgaridade de seu corpo chocho e curvado pela asma. Chamava-lhe o vigário “compadre” por lhe haver batizado os três primeiros filhos, quando ambos residiam em Maranguape.

O fato de ter morado tão perto da capital, onde contava parentes e amigos, e a circunstância de já ter feito, ainda em solteiro, uma viagem ao Rio de Janeiro, davam a Asclepiades uma certa prosápia de pracião: “Vocês matutos...”, costumava ele dizer quando se referia à gente da terra.

O coletor apertou a mão do vigário, contou uma novidade qualquer, disse uma frase de entendido sobre o estado do tempo e foi buscar o gamão e o saco de pedras. E a partida principiou sem demora, enquanto vinham vindo outros palestradores habituais. A pedido do vigário, não se falava em política, e, por isso mesmo, a conversa esmorecia às vezes. Uns ficavam a aperuar o jogo, intervindo com suas opiniões nos momentos interessantes, outros liam velhos jornais da Capital, outros nada faziam senão fumar cigarros sobre cigarros, esquecidos de tudo na carícia da tarde aromada e fresca.

Havia, porém, dias mais propícios à palestra; um magro acontecimento tinha a virtude de dar que fazer às línguas durante horas a fio. Estava-se no começo do ano, e a questão — haverá inverno ou não? — supria todas as deficiências de assunto. Uns confiavam que sim, outros temiam que não. Tinha-se feito a experiência das nove pedras de sal e dava chuva em fevereiro. Entretanto, as serras ao longe amanheciam cinzentas e a lua não tinha lagoa, o que era mau sinal de tempo. Em compensação, relampeara ao sul e o aracati¹ já não soprava à noite sobre a cidade, o que indicava aguaceiros próximos. Um chalaceava:

— Eu tenho uma opinião infalível sobre inverno mas só posso dá-la em junho.

Outro narrava a história de um caboclo que acompanhava como pajem a um engenheiro e, olhando para os matos, exclamara: “Hei! patrão, este ano não temos chuva!”

— Por quê?

— Porque as carnaúbas estão fulorando.

— Então quando não floram?

— Quando não fuloram... é pior!

— Você está doido, homem — bradou o vigário. Expor essa pedra quando eu só tenho o três aberto!

¹ Vento forte que, partindo da cidade do litoral leste do Ceará que lhe dá o nome, percorre parte do sertão cearense, servindo de refrigério às populações de cidades, as quais, à noite, sentam-se às calçadas, esperando a sua passagem, para se recolherem, depois.

— Dê nela, se é capaz, reverendo!

— Pois lá vai.

O padre Balbino vasculejou bem os dados, soprou dentro do copo e, ao ver o ponto desejado, soltou uma das suas sonoras gargalhadas que o sacudiam todo e lhe mostravam até os últimos dentes da boca.

Um cavaleiro cortou rapidamente o lado oposto da praça.

— É o Pinheiro. Aonde irá ele?

— Vai curar de cobra uma filha do Severiano, informou o escrivão Casimiro, que era vizinho do Pinheiro e chegara por último.

— No Trapiá? Já a encontra defunta.

— Mas se não encontrar, está salva. O Pinheiro levou a pedra de veado.

— Qual pedra, qual nada! contestou o Lucas bodegueiro; eu, se for mordido por uma dessas malditas, mando chamar aqui mas é seu vigário para confessar-me.

— Quer que bote as duas para gamão, sr. coletor?

— Não, senhor, qual! ainda posso entrar e até ganhar-lhe o jogo, se o senhor fizer pouco.

— Eu também não acredito na tal pedra; isso é como benzimento e outras bobagens; antes dessem à moça aí uma meia-garrafa da *branca* para ela ficar na pileca, disse o professor Agrela, que, por prevenção talvez, andava sempre mais ou menos imunizado pela *branca*.

— Qual, seu Casimiro! não é crível que aí um pedaço de pedra qualquer tenha eficácia alguma contra o vírus ofídico, que se espalha rapidamente na circulação e quando chega ao coração, fiô! era uma vez, sentenciou o coletor com autoridade e ceticismo, deramando os dados no tabuleiro do gamão.

Apertado nesse círculo de contestações, o Casimiro retorquiu com uma irritação contida:

— Eu também não acreditava, não, meus senhores, mas vi! (e repuxava as pálpebras para baixo com os dedos indicadores). O ano passado fui assistir à feira do gado na Varge Alegre². Fim de julho: é justamente quando começa o cio das cobras. Um rapazinho da fazenda foi tocar os bezerras para o curral e, ao passar por uma vededa, uma cascavel mordeu-o bem aqui no mocotó.

— Lá nele, pilheriou o Lucas.

— O rapazinho correu para a casa aos gritos e amarrou-se-lhe logo a perna acima da picada; mas daí a poucos instantes, ele já estava mole, mole e com a vista turva. Felizmente chegou o vaqueiro que tinha uma das tais pedras e partiu a buscá-la a toda pressa. Como a cisura fosse pequena e não deitasse sangue, avivaram-na com

² Trata-se da pronúncia popular de Várzea Alegre, cidade da zona médio-central do Ceará.

uma ponta de faca. Feito isso botou-se a pedra em cima e ela agarrou-se para só largar quando o doente. . .

— Bateu o trinta e um? troçou ainda o Lucas.

— . . . quando o doente estava fora de perigo. Dois dias depois ficava completamente bom. Ele aí está vivo para lhes contar a história. Ainda um domingo destes o vi vendendo queijos na Feira.

Ninguém achava objeção a contrapor; mas o Lucas teimava ainda:

— É porque a cobra não era cascavel.

— Cascavel, sim, senhor! Dois homens da fazenda foram ao lugar e lá a encontraram enrodilhada à beira da vereda, esperando outro.

— Mataram?

— Mataram. Eu estive com o chocalho na mão.

Não sendo de bom gosto duvidar mais, o Lucas voltou a sua pilhéria para o professor:

— Aqui o Agrela tem também presenciado muitas curas de mordeduras de cobra por meio da *sinhaninha*, não é, professor?

— Muitas, não, mas algumas tenho visto ou sabido de pessoas sérias, respondeu o professor, um pouco vexado dessa alusão ao seu fraco pela pinga.

— É a cobra que o morder. . . está morta, hem? insistiu o Lucas.

— Quem está morto é você no dia em que morder a própria língua

Uma risada geral pôs ponto ao incidente.

— E, por falar em língua, Lucas, você que é da Feira, diga-nos cá que história é essa de casamento de Zé Serrão com uma das filhas do João Ferreira?

— Qual casamento, qual nada! Nem a moça quer nem o Zé Serrão tem força para deixar a concunhada.

— Ele já tem filho dela?

— Dois ou três. Dois, parece que morreu um.

— Sem-vergonha! E o tal tio padre dele nunca procurou acabar com esse escândalo. Por que ele não casa logo com essa pobre criatura?

— Porque é pobre, justamente.

— Ora, não foi por pobreza que ela caiu nisso. Aqui ninguém morre de fome. Fosse fazer broas, coser ou engomar. Ou melhor do que isso, metesse-se na fazenda do irmão, que não lhe faltaria nada. Ela mesma tinha queda para a pândega.

— Lá isso sempre teve. É que o marido não a deixava pôr os pés em ramo verde.

E as partidas sucediam-se com um aferro monótono; os pontos eram anunciados em voz alta e as jogadas executadas com estalidos secos das pedras de encontro ao tabuleiro. O Lucas acompanhava o jogo com um interesse vago; os outros conversavam agora frouxamente, baforando os cigarros, na inconsciente sugestão da languidez da tarde.

A faixa de sombra, cada vez mais larga, barrava o verde da praça. Vinha do açude um rapaz arrastando a roladeira com água; passou depois um vaqueiro, ao trote da égua cansada de campear, o peia-boi a pender-lhe da mão, que ele levou ao chapéu para dar boas-tardes aos da roda.

A igreja resplandecia ainda na fulguração do pôr-do-sol com um brilho ofuscante na vidraçaria do coro. Um magote de cabras vagava às soltas pelo patamar, pulando pelos degraus, simulando brigas, entre berros estridentes.

A viração vespertina varria a cidade, arrepiando de leve a folhagem da mungubeira e espargindo o aroma das suas flores, que pareciam plumilhas de ouro com as pontas esmaltadas de escarlate.

— Que cheiro bom! exclamou o professor José de Agrela, dilatando as narinas numa aspiração forte.

— Basta por hoje, seu compadre, disse o vigário, depondo o copo e passando o gamão para os joelhos de Asclepiades. Volte amanhã mais cedo e traga a lição mais bem estudada.

— Sim, senhor, disse o parceiro vencido, deitando as pedras no saco; o dado hoje faltou-me em todas as ocasiões.

— Qual dado! qual nada! É mania de todo pichote queixar-se dos dados. Em quinze partidas você ganhou-me apenas dois jogos, levando três gamões, inclusive um cantado para coroar a obra.

— É verdade, é verdade; mas não esqueça v. revma. que ontem ficou devendo dez jogos.

— Ora, ontem eu estava jogando sem atenção, à espera do mestre Nicolau que só me apareceu hoje às dez horas. O homem deixa o serviço começado, larga-se para a Barroquinha e passa por lá três dias, disse que montando o alambique do João Guilherme.

— Seu vigário adiantou-lhe dinheiro?

— Está lá com vinte mil-réis.

— Então já sabe. Quem adianta dinheiro a essa gente pode contar que está sem dinheiro e sem serviço.

— Aí vem o Chico Herculano.

O chefe republicano de Ipuçaba era um rapaz de 28 anos, magreirão, mas robusto, tipo de sertaneio, requeimado das incessantes viagens que fazia pelo município. Ao chegar, deu boa-tarde com uma voz descansada, e sentou-se na cadeira que lhe oferecera o coletor. Depois de trocar algumas palavras à meia voz com Casimiro, relanceou os olhos pela frente da casa:

— Então, como vamos de serviço?

— Assim como está vendo, informou o vigário: tudo muito atrasado. O tal mestre Nicolau começou quarta-feira, trabalhou quinta, sexta e sábado, e só hoje é que veio continuar. Se o João Mocó não fosse tão albardeiro, eu não queria mais negócio com o outro, embora perdesse os meus vinte mil-réis.

— Mas ainda havia muito tempo, opinou Chico Herculano; quando devia chegar o promotor?

— Acho que deve estar aqui nestes vinte dias. Ele disse em sua carta que pretende tomar o trem para o Quixadá no dia 15; chega ali à tarde, dorme, sai de manhã cedo e vem descansar no Riacho da Ema; sai à tarde e vem dormir na Lagoa; fazendo uma boa madrugada, pode vir descansar no Croatá e dormir na Varge da Onça; no dia 18 vem dormir no Serrote; no dia 19 pode alcançar perfeitamente o Lajeiro, embora ande algumas horas com a lua, que é cheia no dia 16.

— Isso é lá viagem! exclamou Casimiro; ele pode sem fúria nenhuma vir jantar aqui no dia 19! Eu tenho vindo do Quixadá aqui em dois dias e meio. O ano retrasado, quando estive na Capital, saí do Quixadá numa terça-feira já com o sol fora e vim jantar em casa na quinta.

— Ora, seu Casimiro, você quer comparar-se com um rapaz que passa meses e meses sem montar? Logo nas primeiras léguas ele fica com o assento em petição de miséria. Eu, quando passo quinze dias sem andar a cavalo, fico todo assado só com o passeio ao Limoeiro gu à Forquilha: preciso ir à enxúndia de galinha.

Chico Herculano concordou que o Dr. Alípio não podia chegar antes do dia 20, e assim era melhor, porque, dormindo ele no Lajeiro, teria que fazer de manhã apenas quatro léguas e estaria na cidade na hora do almoço. Haveria tempo de sobra para preparar o palacete, não achava s. revma?

Bateram as Trindades. O vigário tirou o gorro e isolou-se do grupo para orar. Todos se descobriram. Uma forte verberação do poente corria a igreja de um alaranjado vivo. Pairava em tudo uma serenidade infinita; e, na meia luz do espaço, as notas do sino ressoavam solenemente, com uma vibração demorada e cheia.

Por todas as aberturas do templo se escapavam morcegos para a razia noturna, tomando rumos diversos, num vôo trôpego, a que faltava a flutuação serena da plumagem. Nos tamarindeiros do quintal as graúnas faziam as despedidas ao sol, desferindo as notas agudas e limpas do seu canto, a estalarem cristalinamente na calma religiosa do ar.

CAPÍTULO II

AQUELE DIA, 19 de fevereiro, era a véspera da chegada do promotor formado, Alípio Flávio de Campos. O sobrinho do padre Balbino vinha assumir o cargo provido interinamente em Manuel Pinheiro,